

THE INHERITANCE OF LOSS – SUBALTERNIDADE, DIÁSPORA E IDENTIDADES

THE INHERITANCE OF LOSS – SUBALTERNITY, DIASPORA AND IDENTITIES

Iolanda Vasile¹¹¹

RESUMO: Este trabalho propõe-se a explorar a componente diaspórica no romance *The Inheritance of Loss*, de Kiran Desai. Serão analisados a heterogeneidade, o hibridismo e a alteridade, narrados através de duas linhas migratórias: uma em direcção ao Reino Unido e outra aos Estados Unidos. As diferenças entre estes dois mundos migratórios (Reino Unido e Estados Unidos) são demarcadas através de implicações culturais e identitárias específicas, exemplificadas pela experiência diaspórica, no contexto das relações de poder na nova era da globalização. Da perspectiva de uma “escritora migrante” (*migrant writer*), Desai questiona o lugar da diáspora indiana na nova articulação mundial, nascida de uma herança colonial, e sempre tributária a uma necessidade de busca da própria identidade.

PALAVRAS-CHAVE: diáspora; estudos pós-coloniais; hibridismo; heterogeneidade; “escritora migrante”.

ABSTRACT: This paper proposes to explore the diasporic component in Kiran Desai's *The Inheritance of Loss*. It will analyze heterogeneity, hybridity and otherness, narrated through two migratory lines: on the one hand, towards the United Kingdom and, on the other hand, the United States. Differences are demarcated through specific cultural and identity implications exemplified by the diasporic experience in the context of power relations in the new era of globalization. From the perspective of a ‘migrant writer’, Desai questions the place of the Indian diaspora in the new world articulation, born of a colonial heritage, and always tributary to a need to search for one's own identity.

KEYWORDS: diaspora; post-colonial studies; hybridism; heterogeneity; migrant writer.

¹¹¹ Doutoranda em Pós-Colonialismos e Cidadania Global na Universidade de Coimbra – Portugal. Professora de Língua Portuguesa pelo Instituto Camões I.P., na Universidade de Oeste Timisoara – Roménia. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7061-3919>. E-mail: iolanda.vasile@gmail.com; iolandavasile@ces.uc.pt.

(...) o fim do colonialismo não determinou o fim do colonialismo do poder.¹¹²

1. INTRODUÇÃO

Em *The Inheritance of Loss*, o termo heterogeneidade surge em oposição à homogeneidade, enquanto negação do multiculturalismo, embora esta última não se circunscreva a uma interpretação pautada pela perspectiva política. (GOLDBERG, 2005, p. 73). O romance divide-se entre o período colonial e o período pós-colonial, entre Darjeeling, Nova Iorque, o Raj Britânico e a Inglaterra não-imperial, entre a temporalidade do (pós) colonialismo e os finais do século XX, entre um juiz indiano já aposentado, educado no Império, em Cambridge, e a sua neta que, embora ocidentalizada, nunca deixou a Índia. Na narrativa, também se inscreve o cozinheiro Pitaji, cujo nome é revelado apenas no final do livro. Biju, filho deste último, surge como imigrante ilegal nos Estados Unidos da América. Acima de tudo e todos, como pano de fundo as revoltas *gorkha* para a reivindicação territorial de autonomia política revelam-se ameaçadoras.¹¹³ A voz narrativa, embora seja apenas uma, divide-se em múltiplos olhares, numa polifonia que anula temporalidades e reproduz uma realidade ainda actual. Mesmo existindo múltiplas relações de poder reveladas ao longo do romance, através de uma série de personagens secundárias, enfatizarei as peculiaridades do texto que se revelam como fontes de exemplificação da heterogeneidade.

De maneira complementar, o hibridismo define-se a partir da mesma oposição existente entre bem e mal, oriente e ocidente, do lado do colonizado

¹¹² SANTOS, B. S. (2002), “Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-Colonialismo e Inter-identidade”, em Ramalho, M.I.; Sousa Ribeiro, A. (orgs.), *Entre Ser e Estar: Raízes, Percursos e Discursos de Identidade*. Porto: Afrontamento, 23-85.

¹¹³ (...) ‘Jai Gorkha’(...) ‘Gorkhaland for Gorkhas’ (Desai, 2006, p. 7)

Os *gorkha* ou *gurkha*, constituem uma população nepalesa cujo nome deriva do guerreiro hindu Gorakhanath. Eles formaram a dinastia *Gorkha* que fundou o estado nepalês. Os guerreiros *gorkha* foram considerados pelos ingleses como uma população meramente marcial, tendo sido por isso recrutados para as batalhas.

ou do colonizador, sem poder aceitar o conceito do discurso transcultural, não-eurocêntrico. No texto de Kiran Desai, o hibridismo segue a trajetória imperialista, da colonização e da dominação econômica, política e discursiva. A narrativa abunda em exemplos deste tipo “(...) were eager for Western-style romance, and happy for a traditional ceremony (...)” (DESAI, 2006, p. 50) Tudo é imaginado nos termos de uma mistura que agrega o que foi subjectivamente considerado como sendo “bom” dos dois lados. O hibridismo permeia o romance, embora nas velhas quintas da vizinhança do Himalaia aquele esteja aparentemente controlado. Podemos salientar uma tentativa de preservação de um frágil equilíbrio entre passado, presente, e um futuro incerto, que explode com as revoltas *gorkhas* para a reivindicação da autonomia, da determinação e do território.

Neste amplo enredo do romance a identidade é considerada como um processo em contínua transformação, constituído no seio de um sistema de representações. (HALL, 1993, p. 392). Desta forma, com profunda vitalidade e uma espécie de sarcasmo cruel, que se encontra propositadamente presente no romance para incorporar questões tão delicadas, a autora apresenta-nos o mosaico de uma vida que se desdobra entre modernidade e tradição, entre o que quer dizer ser “quase” inglês, “quase” indiano, “quase” americano, mas especialmente sempre cativo nos “entrelugares” que falam sobre os exílios dentro e fora das fronteiras.

2. KIRAN DESAI E A SUA NARRATIVA

A escritora indiana Kiran Desai viveu em New Delhi, desde o seu nascimento até à adolescência. Depois, mudou-se para Kalimpong, que, juntamente com os Estados Unidos, país onde a escritora também habitou e alcançou a maturidade, compõem o complexo cenário de *The Inheritance of Loss*. Todas essas experiências vivenciadas face à diversidade de cada lugar por onde

passou contribuíram fortemente para o percurso criativo da autora. Nascida em 1971 e conhecida até seus 27 anos como a filha da famosa escritora indiana Anita Desai, adquiriu em 2006, com o seu segundo livro, *The Inheritance of Loss*, o prestigioso *Man Booker Prizer*, sendo, aos seus 35 anos, a mais jovem vencedora deste prémio que nem sua célebre mãe, já três vezes nomeada, tinha conseguido obter.

Com este prémio, a escritora conseguiu transcender um único sistema literário e ser reconhecida em todo o mundo de fala inglesa. Prémio pode ser lido também como celebração do próprio carácter de um livro imerso em três mundos distintos e incoerentes. Neste caso, o livro pode ser interpretado como constituindo o produto da realidade migratória que a autora experienciou. Foi talvez a língua da biografia, que ajudou a Kiran Desai conjugar na sua obra um quadro sociocultural tão variado. Contudo, o romance de Kiran Desai não se limita a reproduzir o repertório das narrativas migrantes, tentando novas técnicas de tradução cultural através das múltiplas instâncias intencionalmente canónicas na sua linguagem globalizante.

2.1. *Hullabaloo in the Guava Orchard*

Escrito por Desai enquanto ela ainda era estudante do programa de Escrita Criativa da Colombia University, nos Estados Unidos, e publicado em 1998, o livro insere em primeiro plano a história do jovem Sampath Chawla, e a sua surpreendente transformação de humilde funcionário postal em guru da árvore de goiabas. Dentro da tradição indiana, a sua família esforça-se por empreender o percurso de uma vida que parecia ter tudo para ser bem sucedida. Porém, Sampath não manifesta a mesma necessidade de adquirir uma sólida posição social e, depois de ter arruinado a festa de casamento da filha do seu chefe, ao exhibir-se numa dança julgada obscena pela maioria, retira-se para uma árvore de goiabas. Erroneamente interpretado, o seu gesto atrai uma série

de adeptos, incluindo a sua própria família, que tenta usufruir os lucros de uma fama inesperada. A situação desequilibra-se com a aparição dos macacos bêbados, que tentam apoderar-se da sua árvore. O frágil paraíso transforma-se num inferno que provoca a própria transformação do jovem numa grande goiaba.

Hullabaloo in the Guava Orchard é um (seu) primeiro livro forte, escrito com muita ironia mas, ao mesmo tempo, com a inocência de uma terra ainda idealizada nas suas imperfeições. Passível de decepcionar devido a um desequilíbrio final na gestão da dosagem entre fantástico e real, os pontos fortes da narrativa consistem na sátira omnipresente, ou na riqueza quase obsessiva de sabores, cores e labirintos humanos.

2.2 The Inheritance of Loss

Se pudesse resumir este romance numa só palavra, esta seria: “mosaico”. De facto, tudo no romance é fusão, transformação, busca e divisão. Um perpétuo *in between* em permanente movimentação entre o mundo interior e o mundo exterior.

Ao pensar o universo do romance nas suas linhas narrativas, é possível identificar três histórias, cada qual com personagens distintas mas, ao mesmo tempo, interligadas e influentes nas vidas uns dos outros. No plano dominante, como personagem central do romance, que entrelaça os três quadros narrativos supracitados, aparece o patriarca Jemumbal Patel, o juiz, cuja profissão contrasta ironicamente com o drama do seu carácter, preso num corpo que não consegue assumir a materialidade da sua nacionalidade indiana. Agora aposentado, a personagem em destaque trocou o ruído do mundo pela aparente calma da natureza nas proximidades de Kanchenjunga, a terceira montanha mais alta do mundo, vivendo na fazenda Cho Oyo, situada no nordeste indiano, perto da província de Sikkim, e fronteira natural entre a Índia e o Nepal. Neste

contexto, as montanhas do Himalaia escondem mais latências e dissonâncias do que as que os seus habitantes e, implicitamente, o juiz, desejariam. É a partir deste quadro impressionante que o fio da história recorre às lembranças do passado. São estas reminiscências que levam o juiz Jemu a questionar a sua própria humanidade, até então, apenas manifestada perante Mutt, a sua cadela. Uma passagem bastante representativa ocorre no momento em que Jemu e Sai se encontram. De repente, o então avô depara-se com a neta de uma filha que mal conheceu, sendo ele o único parente vivo da menina. Segundo Desai, “in a country so full of relatives, Sai suffered a dearth” (2006, p. 28). Mais pautado pela necessidade do que pela presença, o relacionamento frio e cortante entre avô e neta é construído num inevitável jogo de espelhos. Esse relacionamento torna-se relevante na medida em que implica uma (auto) descoberta do juiz, cuja história se posiciona num passado intencionalmente enterrado na sua incapacidade de ser, nem indiano, nem britânico. É, portanto, esta linha ténue entre o presente e o passado que marca a primeira linha narrativa do romance.

Por outro lado, o segundo foco narrativo desenrola-se entre a adolescente Sai, recentemente “libertada” de um convento que odiava, onde as freiras, enquanto “black-habited detectives” desempenhavam o papel da autoridade familiar, e o seu jovem professor particular de matemática e física, o nepalês Gyan. Entre chuvas e algoritmos, o casal descobre a intencionalidade do amor numa zona onde a herança entre as duas etnias é medida pelo ódio. Sai representa de facto a celebração do hibridismo, constituindo ela o produto do pós-colonial, da ambivalência, de uma herança colonial mista. Não devemos circunscrever a interpretação destes aspectos às fronteiras de uma nação, mas sim considerá-los à luz do inerente processo de transformação e hibridismo que qualquer convivência colonial traz.

A terceira linha narrativa traça-se por meio da relação existente entre o cozinheiro e o seu filho Biju, imigrante ilegal nos Estados Unidos. Presos no mesmo perverso e desleal desequilíbrio de poder, provocado pela clivagem

entre classes, pela distância entre pobres e ricos, Norte e Sul, os dois personificam os caracteres subalternos, representativos de uma inteira geração de humilhações encenadas em *nome* de uma vida melhor. Migração, sentimento nacional, ódio/amor, globalização/tradição, colonialismo/pós-colonialismo, diáspora/identidade: esses são os conceitos fundamentais que, permeando o romance, interligam tantas histórias de realidades inversas.

3. VISÕES DO OUTRO

O século XX foi marcado por uma série fulminante de mudanças ao nível global. Todo esse processo de transformação envolveu diversas esferas, tais como a política, económica, social, cultural, inserindo-se no processo mais amplo de reconfiguração mundial, que se seguiu à queda do “mundo imperial” na sua passagem para um “mundo globalizado” e “multicultural”.

Mas, se as narrativas sobre a globalização emergem com particular intensidade nos últimos anos, as suas histórias não são absolutamente recentes. Desde a altura dos impérios mais consolidados, o encontro do Norte com o Sul (e a própria produção do Norte e do Sul enquanto tais) inscreveu-se no jogo político e no simbolismo das relações de poder. No entanto, a globalização na sua acepção “moderna” e hegemónica do termo emerge aquando da queda dos últimos impérios territoriais, e relaciona-se com a imposição de uma nova forma de “colonialidade global” (GROSGUÉL, 2008). Essa nova conjuntura relaciona-se com os novos sistemas capitalistas, mercantis e industriais, dominados pelos imperialismos europeus e norte-americano, como iniciadores do modelo hegemónico da globalização actual.

Ao mesmo tempo, podemos observar que as profundas interligações entre colonialidade, modernidade e globalização, que se manifestaram através de guerras, novos processos de descolonização e fluxos diaspóricos dos povos do Terceiro Mundo que, irónica mas nada surpreendentemente, reproduziram

as rotas coloniais, geraram contextos propícios à emergência do chamado “pós-colonial”. O pós-colonial, ao manifestar as inter-identidades, a hibridação, as alteridades, acaba por demonstrar como as divisões binárias a que o mundo foi submetido são cada vez mais irrelevantes. As oposições radicais de termos dicotômicos, tais como colonizado/colonizador, local/global, tradição/modernidade não fazem sentido nos novos contextos híbridos em que poderiam actualmente emergir. É neste jogo de inter-identidades, de poder global e influência, nestas complicadas relações e continuidades entre o Império e a globalização, que se tece a ácida narrativa de *The Inheritance of Loss*, da escritora indiana Kiran Desai.

Para muitos autores, a ideia de diáspora perde-se entre o pathos das definições, mais importantes para a academia do que para os sujeitos cujas existências realmente dependem, em grande parte, e sem generalizar, de uma ética pós-colonial dúplice e quase inexistente. Portanto, não existem modelos políticos ou intelectuais que universalizem a resolução deste problema, e certamente, a história e o futuro dos encontros culturais não podem ser julgados por meio de enquadramentos simplistas. A crítica pós-colonial tenta repensar novas realidades para além do eurocentrismo e do ocidentalismo, procurando apropriar-se do *Outro* como história, mas estando consciente de que se forma como uma consequência que contém exactamente estas estruturas do ocidente, da essência colonial que tenta desconstruir (PRAKAS, 1994, p. 1475). É este o *in-between*, o entre lugar, a que Bhabha recorre para enfatizar a posição híbrida entre poder e conhecimento, que visa reinvestir os antigos códigos. No âmbito pós-colonial, a problematização da identidade retorna como um perpétuo questionamento do próprio posicionamento, do próprio espaço de representação, sempre em termos da diferença perante o *Outro* (BHABHA, 1994, p. 46).

A sùmula do “aspecto necrófilo”, o corte ainda aberto do encontro Oriente – Ocidente, são relevantes, tendo em conta o lugar de enunciação.¹¹⁴ O que para uns constitui a marca de um encontro cultural, para outros torna-se a legalização de um encontro roubado, imposto à força na maioria das vezes, marca justificadora de um olhar coercivo, que decide ainda perpetuar a lógica da superioridade de uma certa sociedade perante as outras.

The cook found it strange that India went first with the day, a funny back-to-front fact that didn't seem mirrored by any other circumstance involving the two nations. (DESAI, 2006:18)

It was important to draw the lines properly between classes or it harmed everyone on both sides of the great divide. (Desai, 2006, p. 67)

(...) for poor people needed certain lines; the script was always the same, and they had no option but to beg for mercy. The cook knew instinctively how to cry. (DESAI, 2006, p. 6)

Todos estes exemplos constituem estereótipos de uma colonialidade de poder, que foram construídos tanto por colonizadores, como por colonizados. Ao recorrermos ao conceito proposto por Maldonado sobre a *colonialidade de Ser*, enquanto produto da “modernidade, colonialidade e [d]o mundo moderno/colonial”, pode-se comprovar que, no livro, se enfatiza que “a alta sociedade” de Kalimpong (Cho Oyu e Mon Ami) é submetida a uma inconsciente *colonialidade do Ser* (MALDONADO, 2004, p. 356). Reforço esta argumentação com uma citação de Mignolo: “A “ciência” (conhecimento e sabedoria) não pode ser separada da língua; as línguas não são meros fenómenos “culturais” em que os povos encontram a sua “identidade”; são também o lugar em que o conhecimento está inscrito.” (MIGNOLO, 2003, p. 632-633). Prosseguindo na senda do pensamento crítico pós-colonial, argumento que o colonialismo em si

¹¹⁴ O termo pertence à Visvanathan, que considera o genocídio, a erradicação física, incluindo também a tentativa de erradicação espiritual, de um grande número de pessoas, como sendo um dos maiores custos do encontro entre Oriente e Ocidente. (Visvanathan, 2009, p. 488)

modelou o futuro poder euro-norte-americano, e a próxima grande narrativa do poder que se traduz hoje na ideia e na prática hegemónica da globalização.

No centro disso tudo posiciona-se a questão diaspórica que nos remete aos conceitos de inter-indentidades e de trans-culturalidade, em termos da capacidade que se possui para comunicar com o outro lado. Biju encontra-se inserido involuntariamente, como imigrante, numa rede de afirmação cultural da identidade indiana que, mesmo silenciada, consegue capacitar-se através dos frutos do capitalismo, os quais se transformam num alvo. Como exemplo disso, observemos Harrish Harry que é mais um dono de restaurante pós-colonial com quem Biju entra em contacto. Já com mais sangue frio para aguentar a realidade diaspórica, e para se adaptar às novas exigências do mercado, Harrish Harry entende que no novo mundo capitalista tudo é globalização, hibridismo, e perpétua adaptação ao facto de se ser constantemente outra pessoa, de aproveitar continuamente novas oportunidades, de sempre atender a outras necessidades, sejam elas supérfluas ou não, pois o que interessa é que elas gerem dinheiro. Biju acaba por se aperceber bastante depressa de que não é isso que busca nem deseja, portanto o Gandhi Café é um outro lugar que deixa para trás. Às vezes, a correria oferece-lhe o luxo de não ter que se auto-questionar.

Também se pode constatar, através do exemplo proposto, que o conceito de diáspora destabiliza o conceito de identidade, que apresenta um dinamismo interno, dicotomias, potencialidades e interrogações sem limites. O sujeito migrante é arrastado para além da fixidez, envolvendo-se progressivamente numa rede de imigrantes, de subalternos, de partilha de experiências, transformando o próprio conceito de cosmopolitismo, num conceito de resistência. O sujeito diaspórico representa portanto aquele que se encontra imerso num processo de tradução.

Tomando-se como exemplo o caso do mesmo Biju, e extrapolando-o para o grupo de imigrantes indianos ilegais evocados no livro que se encontram por

este mundo fora, e, particularmente, nos Estados Unidos, delineia-se uma trajetória diaspórica similar, a mesma história de deslocamento e de lutas por relocações. Portanto, podemos questionar, em termos de identidades coletivas não essencialistas, quais os comportamentos, discursos e trajetórias que de facto são representativos deste tipo de grupo silenciado. Assim, através das narrativas de poder, em termos de progresso tecnológico e económico, eles reproduzem colonialismos numa modernidade que continua a ser repressora e a subvalorizar e invisibilizar certos grupos. O que por vezes se ignora é que a modernidade e a globalização residem no hibridismo, como processo de hibridação não finito que implica uma mistura contínua. É exactamente nesta ambivalência que subjaz o *terceiro espaço híbrido*, como uma tentativa de espaço de tradução.

Os Estados Unidos e a Inglaterra mantêm vivo o estereótipo de terra prometida, recebendo anualmente um número impressionante de cidadãos indianos. Mas são vários os motivos que os levam a sair das suas terras em busca de uma vida melhor. Deste modo, tal como o exemplo seguinte demonstra, as pessoas entendem como obrigação moral do colonizador o acolhimento do colonizado nas sedes do antigo império. O exemplo também demonstra como o racismo e o ódio gerados pela diferença são reproduzidos numa lógica invertida. Vale a pena ressaltar que, neste caso, os Estados Unidos são considerados como um lugar de destino preferido em oposição à Inglaterra.

“These white people!” said Achootan, a fellow dishwasher, to Biju in the kitchen. “Shit! But at least this country is better than England,” he said. “At least they have some hypocrisy here. They believe they are good people and you get some relief. There they shout at you openly on the street, ‘Go back to where you came from.’” He had spent eight years in Canterbury, and he had responded by shouting a line Biju was to hear many times over, for he repeated it several times a week: “Your father came to *my* country and took *my* bread and now I have come to *your* country to get *my* bread back.” Achootan didn’t want a green card in the same way as Saeed did. He wanted it in the way of revenge. (DESAI, 2006, p. 134-135).

Em contextos diferentes tudo volta a ser diferente ou válido, mas para a maioria dos imigrantes, os dias são todos iguais na espera pelo cartão verde.

“But here there were Indians eating beef. Indian bankers. Chomp chomp. He fixed them with a concentrated look of meaning as he cleared the plates. They saw it. They knew. He knew. They knew he knew. They pretended they didn't know he knew. They looked away. He took on a sneering look. But they could afford not to notice. (...) Holy cow unholy cow.”

Os pensamentos do jovem Biju, a sua voz interior, espelham a pureza da sua idade e do seu carácter, que mesmo sendo já versado em experiências transformadoras permanece ancorado na inocência dos ensinamentos patriarcais primevos. Ele hesita e indigna-se quando vê as impudências que os seus conterrâneos praticam quase como uma prostituição necessária do seu ser. A passagem na qual ele reflecte de uma maneira quase metafórica sobre o modo como assa a carne de vaca, num dos restaurantes por onde passou, representa talvez a reflexão sobre o que cada um estará disposto a fazer e a suportar para atingir as suas metas, ou simplesmente porque não dispõe de outra opção.

“You had to live according to something. You had to find your dignity. The meat charred on the grill, the blood beaded on the surface, and then the blood also began to bubble and boil.

Those who could see a difference between a holy cow and an unholy cow would win.”

Quando é que uma série de coisas se tornam ilegítimas? Quão importante é manter as tradições, os legados, a unicidade, em lugares tão diversos? Com cada gota de sangue da carne que assa, que se transforma, que se queima, desaparecem também a autenticidade, as raízes dos seus conterrâneos

envergonhados da própria herança de sangue indiano. Os fins justificam os meios?

Devido à pressão exercida pelo pai, enquanto corolário de uma autoridade familiar, Biju vai trabalhar para os Estados Unidos. Em busca de um caminho que poderia representar a garantia de uma vida melhor, submete-se a humilhações, perdas financeiras e mentiras, para poder chegar aos Estados Unidos. Quando finalmente consegue alcançar a tão sonhada terra norte-americana, depara-se com uma série de dificuldades que não esperava e, como a autora sugere, nem estava preparado para enfrentar.

But although Biju's letters traced a string of jobs, they said more or less the same thing each time except for the name of the establishment he was working for. (DESAI, 2006, p. 17)

There was a whole world in the basement kitchens of New York, but Biju was ill-equipped for it and almost relieved when the Pakistani arrived. (DESAI, 2006, p. 22)

As mesas do mundo continuam a re-traçar as linhas fronteiriças entre servidos e servidores, entre colonizado e colonizador, entre globalizadores e globalizados. O périplo do Biju pelas cozinhas dos restaurantes pós-coloniais nos Estados Unidos constitui de facto um percurso das vidas paralelas em Nova Iorque, presas na injusta divisão internacional do trabalho, conforme se nota a seguir: “Above, the restaurant was French, but below in the kitchen it was Mexican and Indian. And, when a Paki was hired, it was Mexican, Indian, Pakistani.” (DESAI, 2006, p. 21)

Retomando a ideia acima expressa, tal como Desai salienta, desenvolve-se um padrão estereotipado. As cozinhas dos restaurantes recompõem-se, configurando os espaços dos pobres, dos silenciados, dos colonizados de ontem, que também continuam a ser os globalizados de hoje, na mesma estrutura de poder, em que mudaram os actores detentores de poder, mas a “lógica” de

submissão mantém-se Estes quadros reconstituem as antigas rotas, e a própria experiência colonial. Para exemplificar, podemos pensar em Biju no “*Le Colonial for the authentic colonial experience. On top, rich colonial, and down below, poor native. Colombian, Tunisian, Ecuadorian, Gambian.*” (DESAI, 2006, p. 21)

O último trecho surpreende pela irônica voz autoral, tão pertinente, que expressa uma óbvia, embora difícil, constatação. A voz conferida ao jovem é mais de natureza introspectiva, sendo o seu silenciamento também de natureza física, como no trecho a seguir: “What was India to these people? How many lived in the fake versions of their countries, in fake versions of other people’s countries? Did their lives feel as unreal to them as his own did to him?” (DESAI, 2006, p. 267)

Uma referência directa ao texto leva-nos a perceber que os diálogos dos imigrantes, e refiro-me aqui a Biju, e a Jemu, enquanto jovem estudante em Cambridge, na Inglaterra, são virtualmente inexistentes, e, quando ocorrem, constituem-se numa espécie de monólogo interior. Os diálogos propriamente ditos envolvem questões de interesse comum, como por exemplo, o trabalho, os detalhes sobre os trâmites legais e os problemas quotidianos, enquanto marca indispensável de subsistência (e da existência) naquele país. Analisando as reflexões de Biju, identificamos uma inocência que irá prejudicá-lo no decorrer da sua história pessoal no seu “país de acolhimento”, e refiro-me aqui à sua decisão precipitada de voltar para a Índia. É interessante observar que, mesmo passando por várias histórias e superando-as, a pureza da sua alma se mantém e se desenvolve como mecanismo de defesa contra o novo mundo que não estava preparado para recebê-lo. O que determina a sua decisão de retorno é precisamente a imagem que tinha idealizado sobre o próprio país, que assenta no dualismo utopia/distopia, aqui/lá.

Seguindo o raciocínio de Clifford, o passado representa algo de desejado, mas inacessível, e o futuro imagina-se também como um desejo doloroso

(CLIFFORD, 1997, p. 264). A vida de Biju, dos imigrantes que o cercam, e das outras personagens, é igual ao fio narrativo: cortado, dividido entre passado, presente e um futuro incerto. O relacionamento de Biju com as outras personagens apresenta-se, sobretudo de forma indirecta, através das suas introspeções. Ele mantém a ligação com a Índia escrevendo para o seu pai, e tentando recompor e respeitar, no espaço actual, as tradições nunca contestadas até lá chegar, como nestes exemplos: “Desis against Pakis.” (DESAI, 2006, p. 23) “Therefore he liked Muslims and Pakis and India should see it was all wrong and hand over Kasmir?” (DESAI, 2006, p. 76)

Os sentimentos de antagonismo e coalizão, identificados por Clifford como constituindo mecanismos de hierarquização entre os imigrantes, são também descritos no romance, mas com as suas particularidades e alterações. Na acepção de Clifford, os antagonismos manifestam-se onde existem sentimentos de identidade diaspórica, sendo na prática marcados pela identificação da superioridade de determinadas minorias perante outras (CLIFFORD, 1997, p. 260). Biju depara-se com isso quando os seus chefes europeus tentam modificá-lo, normalizá-lo, porque os seus hábitos eram vistos como diferentes/errados e há números exemplos neste sentido: “(...) “I think I’m allergic to his hair oil”. She had hoped for men from the poorer parts of Europe-Bulgarians perhaps, or Czechoslovakians. At least they might have something in commom with them (...).” (DESAI, 2006, p. 48)

Mas, talvez, especialmente num contexto diaspórico, o maior antagonismo resida nos sentimentos de superioridade financeira, independentemente da nacionalidade em questão. ““Another day another dollar, penny saved is penny earned, no pain, no gain, business is business, gotta do what ya gotta do.” These axioms were a luxury unavailable to Biju, of course (...).” (DESAI, 2006, p. 149)

As histórias de coalizão dos imigrantes subjazem às mesmas lutas pela sobrevivência, ao mesmo passado colonizador, ao mesmo motor que os trouxe para aquele espaço de convergência. (CLIFFORD, 1997, p. 260), como é possível constatar nos fragmentos abaixo:

On to the Stars and Stripes Diner. All American flag on top, all Guatemalan flag below. Plus one Indian when Biju arrived. (Desai, 2006, p. 21)

You lived intensely with others, only to have them disappear overnight, since the shadow class was condemned to movement. The men left for other jobs, towns, got deported, returned home, changed names. (...) The emptiness Biju felt returned to him over and over, until eventually he made sure not to let friendships sink deep anymore. (DESAI, 2006, p. 102)

No entanto, assim como a própria narrativa atesta, nenhuma destas alianças e afiliações é estável, não existindo, de facto, qualquer garantia de “solidariedade” pós-colonial migratória. Pelo contrário, a lógica social e política de relacionamento inter-diaspórico é determinada através de táticas de articulação e desarticulação comuns.

Mantendo ainda a questão do diálogo em aberto, do outro lado, na Índia, é impressionante como quase não ocorre qualquer troca de ideias, e nem sequer surgem conversas nos encontros entre os *gorkhas* e os outros habitantes, à excepção do frágil relacionamento existente entre Sai e Gyan, que afinal assenta no fulgor de uma paixão juvenil. A hostilidade manifestada contra os *gorkhas*, não é mais do que uma forma de opressão e intolerância social que reproduz de facto o colonialismo britânico. Qualquer tipo de diálogo parte do pressuposto de que existam pelo menos duas partes envolvidas, e que estas se reconheçam, escutem e respeitem reciprocamente. A ideia de diálogo, como processo discursivo que encoraja a comunicação, o conhecimento do outro, com tudo o que isso implica, ainda não se desenvolveu nessa região. Além disso, a falta de difusão dos meios de comunicação em massa nesses lugares remotos fez com

que, tanto no período colonial, como também no período pós-colonial, as informações chegassem modificadas ou truncadas. Este facto determinou uma apropriação distorcida do exterior. O mesmo se aplica ao exterior que também não se preocupou muito, como o próprio livro salienta, com o que estava a acontecer no seio deste barril de pólvora ao pé dos Himalaias. Mais uma vez, a tolerância não significa o reconhecimento, e a ténue linha entre espaço e território é ultrapassada.

A questão linguística, tão subtilmente tratada pela autora, também é fundamental para a análise deste romance. Neste sentido, as línguas constituem fenómenos identitários, mas também o meio e o lugar através dos quais o conhecimento é produzido e inscrito. Em ambos os universos, na Índia e nos Estados Unidos, no ano de 1986, assim como demonstra Desai, existem falhas de comunicação devido ao desconhecimento de certas línguas dominantes. Não por acaso, estas línguas são o inglês imperial e o hindu da unidade nacional, tal como as citações abaixo demonstram. A primeira reflexão refere-se a uma relação particular de comunicação entre Sai e o cozinheiro, que só implica e afecta os dois. Quanto ao hindu, a segunda citação tem no seu centro o personagem do juiz, cuja “justiça” é contestável. São questionadas, tanto as suas habilidades, quanto a sua prudência.

(...) their closeness being exposed in the end as fake, their friendship composed of shallow things conducted in a broken language, for she was an English – speaker and he was a Hindi-speaker. (Desai, 2006, p. 19)

(...) he heard cases in Hindi, but they were recorded in Urdu by the stenographer and translated by the judge into a second record in English, although his own command of Hindi and Urdu was tenuous (...) Nobody could be sure how much of the truth had fallen between languages, between languages and illiteracy; the clarity that justice demanded was nonexistent. (DESAI, 2006, p. 62)

Na lógica hegemónica, apresentada através de tantas fontes, a língua inglesa, enquanto língua imperial única e dominante, delimita as relações de poder e promove “os seus próprios localismos na forma do universal ou do global.” (Sousa Ribeiro, 2005, p. 2) Os Media, livros, pensamentos canções, e relações amorosas em inglês, todos remetem para a permanência da língua inglesa como mecanismo perpetuador do antigo império. Salientando a questão da língua inglesa, a autora chama a atenção para o inteiro quadro problemático das línguas vernaculares na Índia que, segundo o *Ethnologue*, lista 452 línguas regionais.¹¹⁵ Oficialmente, só um pouco mais de 20 são reconhecidas como línguas nacionais regionais.

O mesmo processo decorrera com os jovens da geração do juiz, e com ele próprio, uma vez retornado à Índia. Nesta altura, o juiz já enraizara no seu ser a repulsa pela sua “indianidade”, e a pulsão para o inglês, símbolo do poder e da autoridade, enquanto fetiche. A dimensão linguística, inclusive, transformou-se num dos factores que desejou alterar na sua esposa, tentando anglicizá-la através da língua, porque é através do poder e do saber que o ser é colonizado. O texto abunda em exemplos de “totalitarismo cultural” que, no caso do juiz, chegou a constituir um exercício de autoridade imperial pelo próprio sujeito pós-colonial. O próprio relacionamento do juiz com a sua esposa revela o seu desconforto em ser indiano, mas também inglês, como também a impossibilidade de os outros aceitarem esta sua bipolaridade.

Neste sentido da negação da própria identidade, um dos exemplos mais hilariantes reside numa cena que Biju testemunha, na mesma perspectiva do leitor, na qual um indiano tenta vender a outro indiano, proprietário de um restaurante sugestivamente denominado Marilyn, um pacote telefónico internacional com desconto para a Índia. O humor situacional assenta aqui em

¹¹⁵ http://www.ethnologue.com/show_country.asp?name=IN
Consultado dia 28 de Março de 2019.

referências dolorosas. Numa nova sociedade onde todos tentam passar por algo que não são, ou na maioria dos casos, por americanos, Biju recolhe-se, “seduzido” por uma pureza quase proibitiva, que de facto indica a medida da sua saudade.

O passatempo das damas da quinta Mon Ami, Noni e Lola, e da adolescente Sai, que manifestam o mesmo gosto pela literatura britânica e americana, revela a mesma predilecção pela apropriação dos valores coloniais, ocidentais. Vale a pena destacar o episódio em que o famoso autor indiano V. S. Naipaul é acusado de falta de “objectividade” quanto à sua escrita. “After all, why isn’t he writing of where he lives now? Why isn’t he taking up, say, race riots in Manchester?”(2006, p. 46). É interessante observar como o sentido crítico das visadas se amplia em relação às coisas que lhes são mais próximas e familiares, mas como elas se apropriam *telle quelle* de outros modelos, os quais nem sequer pensaram em questionar. De igual forma, as marcas americanas, mas especialmente britânicas, dos produtos reaparecem obsessivamente, numa tentativa desesperada de recuperação e apropriação de uma outra identidade, “melhor”, unanimemente aceite pelas camadas sociais que detêm o poder socioeconómico.

Podemos, portanto, afirmar que a narrativa de Kiran Desai reflecte, entre outras questões, sobre as congruências entre as histórias literárias e políticas de pertença.

4. CONCLUSÃO

A história pós-colonial, na maioria dos casos, revela que as diversas rotas migratórias tendem a reproduzir, e não por acaso, as antigas rotas coloniais, mas no sentido inverso. Distribuída por múltiplos quadros e construções alegóricas, a trama do livro surpreende pela franqueza do seu estilo irónico e pela ingénuo impossibilidade de os seus personagens ultrapassarem

as suas condições, de fugirem ao próprio destino. Desai faz mais do que trazer personagens reais para dentro das páginas do seu livro, pois com sarcasmo relata as incapacitações, que o leitor, como cidadão comum, com pérfida serenidade testemunha.

Na nova era da globalização, as literaturas diaspóricas conquistaram já o seu lugar no cânone das literaturas nacionais, através da inserção num sistema alargado pelas novas práticas representacionais migratórias, multilinguísticas, transnacionais, e pós-coloniais, que tentam rearticular-se entre heranças e perdas, passado e futuro.

Os novos espaços de representações e afiliações identitárias, originados pela globalização e reconfiguração da ordem mundial que transcendeu os muros do império para alcançar uma colonialidade global, requerem novas formas de interpretação. Como consequência, o processo de tradução constitui-se como acto fundamental e necessário para que todas as vertentes lembradas se tornam mutuamente inteligíveis, porque “uma cultura auto-suficiente e internamente homogénea é coisa que não existe, então a própria definição de cultura tem de incluir aquilo a que chamaria intertraduzibilidade.” (SOUSA RIBEIRO, 2005, p. 4)

Segundo Santos (2002), e como também Kiran Desai sugere no seu quadro narrativo, o trabalho de tradução pode e deve ocorrer, tanto entre saberes hegemónicos e saberes não hegemónicos, no caso, entre os ingleses e americanos e a população migrante, como também entre diferentes saberes não hegemónicos, na presente situação, entre a população indiana maioritária, e a população minoritária nepalesa. Prosseguindo a linha de pensamento de Santos, “O trabalho de tradução é o procedimento que nos resta para dar sentido ao mundo depois de ele ter perdido o sentido e a direcção automáticos que a modernidade ocidental pretendeu conferir-lhes ao planificar a história, a sociedade e a natureza.” (SANTOS, 2002, p. 273)

Qual será portanto a perda de que fomos testemunhas? A diáspora sem dúvida implica a perda, a perda irremediável de raízes, de um *eu* no *outro*, e de um *outro* no *eu*, numa contínua busca por identidades fracturadas. No entanto, as culturas diaspóricas inscrevem-se num perpétuo processo de tradução e de negociação política e cultural, em que os grupos subalternos continuam a ocupar o mesmo lugar no sempre injusto jogo de poderes. Mas será que as entrelinhas de uma tradução serão suficientes para superar a perda? Em última análise, poderíamos questionar, como Desai: “could fulfilment ever be felt as deeply as loss?” (2006, p. 2).

REFERÊNCIAS

BAZIN, Jean. Questions of Meaning. *Anthropological Theory* 3 (4), 2003, p. 416 – 434.

BHABHA, Homi K. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.

CLIFFORD, James. Diásporas. *Cultural Anthropology* 9(3), 1994, p. 302 -338.

CLIFFORD, James. *Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. London: Harvard University Press, 1997.

GOLDBERG, David Theo. Heterogeneity and Hybridity: Colonial Legacy, Postcolonial Heresy. In: SCHWARZ, Henry; RAY, Sangeeta (eds.). *A Companion to Postcolonial Studies*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 72-86.

HALL, Stuart. Cultural Identity and Diáspora. In: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura (eds.). *Colonial Discourse & Postcolonial Theory: A Reader*. London: Harvester Wheatsheaf, 1993, p. 392-403.

KIRAN, Desai. *The Inheritance of Loss*. London: Penguin Books, 2006.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A Topologia do Ser e a Geopolítica dos conhecimentos: modernidade, império e colonialidade. IN: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2004, p. 337-382.

MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da 'ciência'. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Conhecimento Prudente para uma vida decente: 'um discurso sobre as ciências revisitado*. Porto: Afrontamento, 2003, p. 667-709.

MUKHEJREE, Bharati. Imagining Homelands. In: ACIMAN, André (org.). *Letters of Transit: Reflections on Exile, Identity, Language, and Loss*. New York: The New York Press, 1997, p. 65-86.

PRAKAS, Gyan. Subaltern Studies as Postcolonial Criticism. *The Americal Historical Review*, 99 (5), 1994, p. 1475-1490.

RIBEIRO, António Sousa. A tradução como metáfora da contemporaneidade. Pós-colonialismos, fronteiras e identidades. In: MACEDO, Ana Gabriela; KEATING, Maria Eduarda (orgs.). *Colóquio de outono. Estudos de tradução. Estudos póscoloniais*. Braga: Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, 2005, p. 77-87.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2002), "Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, 237-280.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almeida, 2009.

VISVANATHAN, Shiv. Encontros culturais e o Oriente: um estudo das políticas do conhecimento. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009, p. 487-507.

http://www.bbc.co.uk/worldservice/arts/2009/12/091222_wbc_kiran_desai.shtml

Consultado dia 20 de Janeiro de 2018

<http://digitalunion.osu.edu/r2/summer06/herbert/index.html>

Consultado dia 1 de Fevereiro de 2018

Recebido em 22/06/2019.

Aceito em 08/11/2019.